



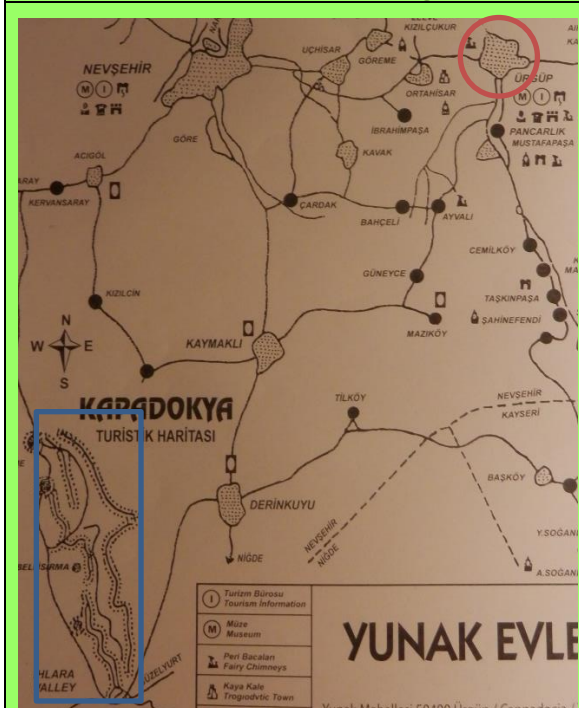
Diário da Viagem à Turquia 9

Vale de Ihlara

As nuvens que estavam sobre as Chaminés de Fadas desabaram no dia seguinte, 2 de abril de 2015, e nosso passeio ao Vale de Ihlara foi um pouco prejudicado.

Na programação, previa-se um percurso a pé e um almoço às margens do rio, mas isso não foi possível. Ainda assim, pudemos ver o meandro desenhado pelo Rio Melindiz que vai ziguezagueando pelo cânion, que ele mesmo escavou durante milênios.

A região é tão árida que esta garganta é uma área de deposição importante, o que favorece a formação de solos com alguma fertilidade e explica a importância do vale, como área favorável à ocupação humana voltada ao desenvolvimento da agricultura no passado.



O vale todo compreende 15 km de extensão, em formato de garganta. Em vários pontos do platô superior, nossa van parava e descíamos, aguentando um pouco o vento e a chuva fina, para vermos a ocupação que foi se efetivando ao longo do tempo. Em vermelho, assinalei Ürgüp onde estamos hospedados. Na posição sudoeste do mapa, está o Vale de Ihlara, demarcado com o retângulo azul.

A falta de luz não favoreceu os registros fotográficos, mas nas duas próximas fotos, é possível ver, no patamar inferior, o rio serpenteando o vale, observar a aridez dos platôs superiores e ver que há vegetação no vale, mesmo que estejamos a duas semanas do final do inverno e as paisagens ainda estejam secas, pela neve que caiu nesta região.

Os gregos estiveram por aqui, outras culturas se sucederam e, mais tarde, a partir do século XI, a ocupação foi de cristãos, razão pela qual terá havido quase 60 igrejas, neste pequeno vale. Segundo Guia da Folha de São Paulo, algumas delas têm nomes inusitados para templos, porque se referem mais a aspectos cotidianos, como: Pedra Torta, Pombal, Veado Preto...



O que importa reforçar é que tamanha concentração de construções e gente só se explica pela fertilidade desta estreita faixa numa região seca durante uma parte do ano.

Ainda hoje há vários assentamentos humanos concentrados ao longo deste vale, como a cidade de Ihlara, ao sul, a Vila de Selime, ao norte, e outros núcleos como Belíssima e Yaprakhisar.

Algumas construções antigas em pedra permanecem para lembrar o passado, outras mais recentes com suas coberturas de telhas de barro mostram que as terras férteis continuam a ter papel importante e explicam a permanência humana nelas. O guia nos disse que os mais velhos vivem do pastoreio de ovelhas e de alguma agricultura, sendo que os mais jovens, progressivamente, dedicam-se mais ao turismo.



A foto que se segue mostra uma mulher com roupas tradicionais que caminhava acompanhando sua vaca. Ao ver esta imagem, parece que estamos voltando no tempo.



Algumas semanas antes de nossa visita, as águas decorrentes do degelo ocorrido nas porções mais altas do relevo, onde a neve se depositou no inverno, desceram o vale com muita força e levaram os pequenos tablados de madeira que os restaurantes destinados aos turistas tinham ao longo do rio. Pela falta dos terraços, pela chuva e pelo frio, almoçamos dentro do restaurante e experimentamos uma truta assada em forno grande de lenha - estava muito boa!



Sobre uma pequena ponte próxima ao restaurante, posamos para a foto que se segue, tendo o rio Melindiz ao fundo.



Nosso guia neste dia chamava-se Ahmet. Ao contrário de Carlos que nos acompanhou nos anteriores, ele era uma pessoa menos elaborada no seu discurso, mais franca e quase simplória. De certo modo, ao estar com ele, eu tinha a impressão que estaria mais próximo do jeito de ser de um morador da Capadócia. Explicando a ocupação do vale, ele disse que, trabalhando mais dois anos, conseguiria ter suas

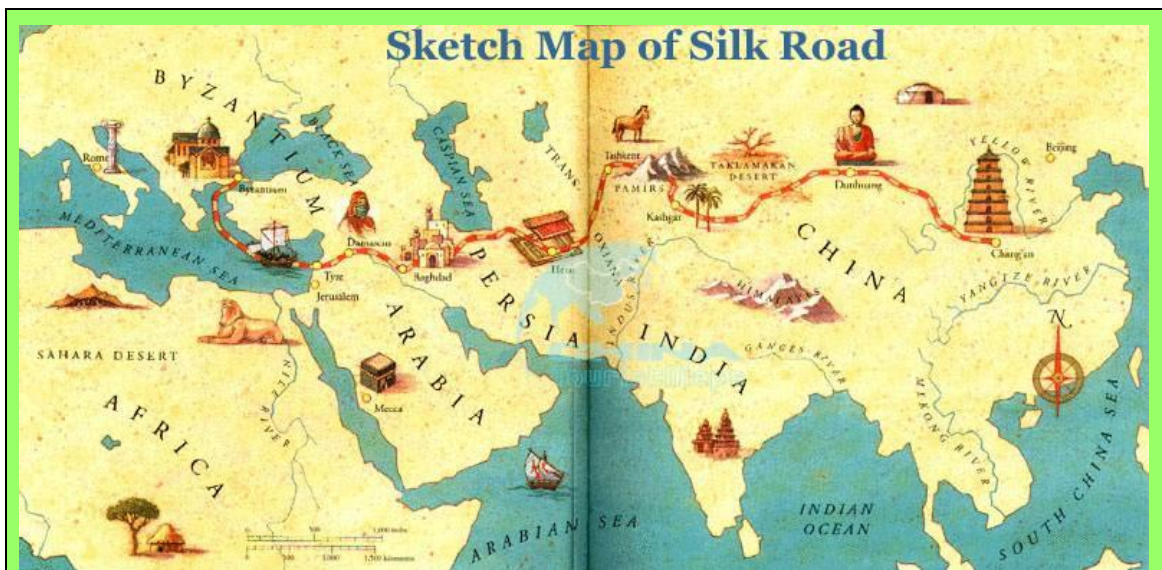
próprias ovelhas e criá-las na pequena faixa de terra deixada por seu pai. Ele disse que terras obtidas por herança não podiam ser vendidas. Pedi mais explicações, mas não compreendi bem o sistema. Achei, entretanto, supreendente que um guia turístico desejasse se tornar um pastor de ovelhas, ofício que, segundo ele, já pratica nos meses do ano em que não há tanto turismo.

Num dado momento de nossa 'excursão', ele pediu ao motorista, que parasse a van, desceu, entrou novamente sem a gente entender a razão; parou logo adiante e entrou em outra birosca e, depois, de modo muito simpático, voltou ao carro com um pequeno bolo e uma velinha acesa, pois tínhamos comentado que era aniversário da Leny. E aí está ela comemorando o primeiro "parabéns a você" do dia. Mesmo que as fotos não tenham ficado grande coisa, o momento teve sua mágica, afinal, fazer aniversário na Capadócia, com bolo e velinha providenciados pelo Ahmet não acontece todo dia.



Após o almoço, passamos por uma grande construção que, no passado, era paragem para os comerciantes que faziam a Rota da Seda. Em todo o percurso, havia algumas dezenas destas edificações. Elas se denominavam caravançarás, que quer dizer dormitórios gratuitos, sendo que algumas delas eram também hans, que quer dizer armazéns.

Pela extensão que a rota tinha, pela quantidade de caravanas que a percorriam e pelo volume de comércio gerado por estas trocas entre Oriente e Ocidente é possível supor a importância que estes abrigos tiveram no passado. No mapa que se segue, há a representação da Rota da Seda, temndo Istambul, então denominada Contantinopla, no extremo oeste deste caminho.



Fonte: <https://oldcivilizations.wordpress.com/2012/07/21/marco-polo-y-la-ruta-de-la-seda/>

Os seljúcidas, tribo turca, vinda da Ásia Central que dominou este território, que hoje leva o nome de Turquia já tinham construído, no século XIII, mais de 100 hans para estimular o comércio. Durante o Império Otomano, a partir do final deste século, é que o oferecimento de hans e caravanas tornou-se uma estratégia de Estado, tanto econômica (ampliação dos papéis comerciais do império), quanto social (oferecimento de boas condições aos viajantes de longas caravanas) e política (pois foveava o domínio sobre um território cada vez mais amplo, após a tomada de Constantinopla, em 1453).

Cada uma destas grandes construções dispunha de uma área interna, em que podiam ser guardadas as mercadorias, repousarem os viajantes e seus camelos. São construções de grande porte com um pátio interno, no qual havia, como se pode ver na foto inferior à esquerda, uma construção destinada ao hamam, que significa banho turco, com a finalidade revigorar os viajantes longevos.

No inverno, as enormes portas de madeira eram fechadas à noite e todos repousavam sobre kilims para aguentar o frio. Como a temperatura estava baixa e o dia taciturno, pus-me a imaginar o que seria passar a noite num espaço deste, enquanto a neve caía lá fora. Aliás, durante grande parte dos trajetos feitos na Anatólia Ocidental e Central, vislumbamos, ao longe, cadeias de montanhas com os cumes cobertos de neve.

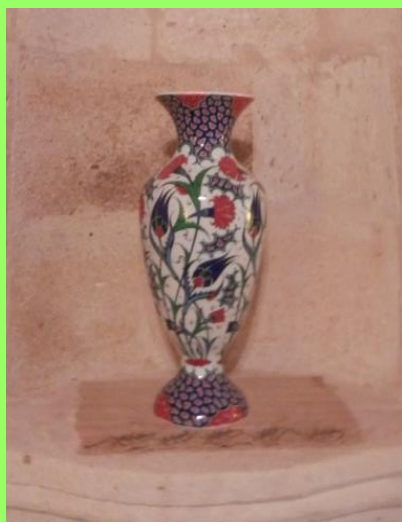


Muitas dentre estas grandes construções, agora, estão sendo adaptadas para outras funções, algumas delas como hotel, por exemplo. A que visitamos está sendo reformada para abrigar um mercado de especiarias e outros alimentos de alta qualidade, destinados, sobretudo, ao comércio com os turistas.

À noite, no restaurante do Hotel Yunak Evleri, em Ürgüp, comemoramos melhor o aniversário de Leny, com vinho turco comprado por ela, mais uma garrafa escolhida por Eliseu e, para arrematar muito bem, bolo de frutas e champagne para cantarmos novamente “parabéns a você”.

O ambiente aconchegante, as experiências vividas na Capadócia, a amizade e, sobretudo, o fato de estarmos comemorando o natalício de uma pessoa tão especial tornaram esta noite uma daquelas que não queremos e não vamos esquecer facilmente. Tím, tím à vida!!!

Para marcar a data, insiro as fotos das duas peças de louça que Leny considerou as mais bonitas no hotel. O prato da direita tem como pintura a árvore da vida, que é um adorno presente em porcelanas, tapeçarias e outros adornos na Turquia.

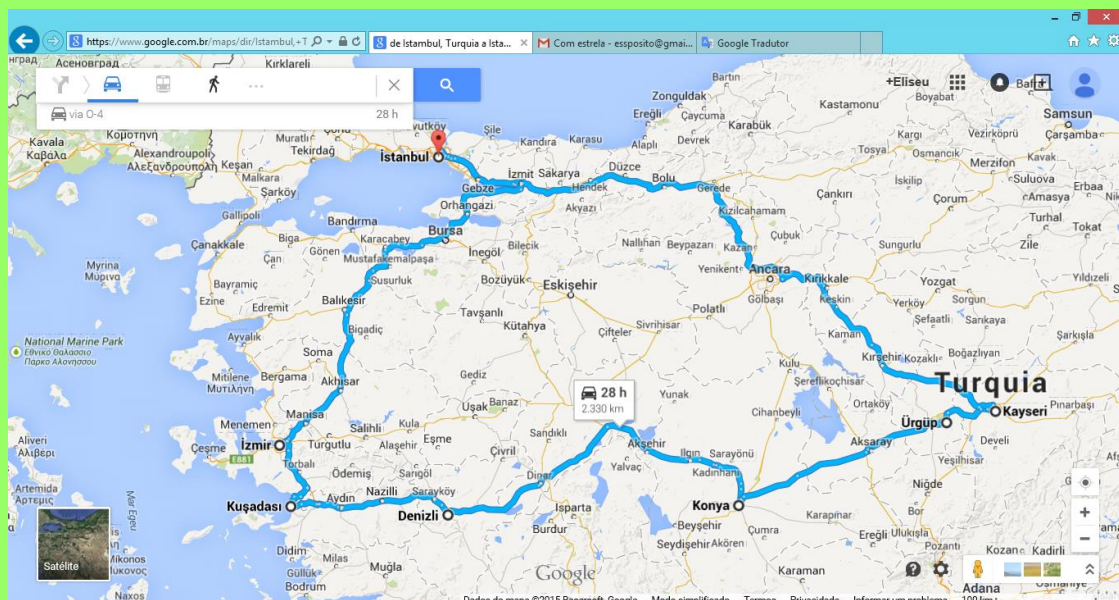


No dia seguinte, lá estamos nós prontos para deixar o hotel em Ürgüp, antes de irmos para Kayseri, onde pegamos o avião de volta para Istambul.



O mapa mostra o conjunto do percurso realizado por nós, nas porções oeste e central da Turquia.

Embora o Google Maps não tenha recurso para diferenciar, na mesma imagem, percursos feitos por modais de transportes diferentes, o leitor imagine que o primeiro (Istambul a İzmir) e o último trechos (Kayseri a Istambul) foram feitos por avião e o restante por microônibus e vans.



Apesar de termos podido ver uma boa parte do país do ponto de vista turístico, antes de adentrarmos de fato em Istambul, isso ainda é quase nada. Não tocamos a Turquia do Mar Negro ao norte, não pusemos os pés no Mediterrâneo ao sul, não podemos dizer que vimos o Mar Egeu, a oeste, apenas porque dormimos em Kusadasi. Tampouco pudemos vislumbrar a Anatólia Oriental e, mais precisamente, o nordeste do país onde está o Monte Ararat. Enfim, como alguns dizem, é sempre bom ter motivos para se voltar a um país, principalmente quando ele lhe é agradável.

Carmínha Beltrão

2 de abril de 2015